

LEONARDO BOFF E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Teologia da libertação. Padres latino-americanos como Leonardo Boff pregavam o afastamento do capitalismo. Isso Joseph Ratzinger, o papa posterior, reprovou como heresia (Spiegel-Geschichte 3/2023, S. 117)

(...)

Certamente o marxismo é perigoso, manifestamente, porém, também útil. Os teólogos Clodovis e Leonardo Boff para as censuras de heresia do cardeal Ratzinger (mesma fonte, S. 118).

(...)

Então, todavia, seguiu com Francisco [papa] um latino-americano no cargo. Ele sustentava a opinião que “essa [teologia da libertação] mata a economia”, que existe uma “culpa ecológica” entre o norte e sul global – isso lembra as análises teológico-libertadoras (mesma fonte, S. 120).

(...)

Leonardo Boff, 84 [anos], coordena suas iniciativas sociais hoje de uma reserva ecológica em Petrópolis, Brasil, outrora cidade imperial e continua, entre montanhas verdes, a escrever seus livros. Em 1992 Boff saiu voluntariamente da ordem franciscana e abandonou o sacerdócio. Ele vive agora juntamente com a professora de direitos humanos Márcia Monteiro de Miranda.

Boff sobreviveu a Ratzinger, do mesmo modo como à presidência de Jair Bolsonaro. Com o papa Francisco ele está regularmente em correspondência. Ambos encontram-se no mesmo dilema: a pobreza na América Latina também agora ainda é grande, a igreja católica perde, porém, dramaticamente em importância. Em vez de na teologia da libertação, muitos pobres hoje confiam no “evangelho da prosperidade” individualista dos evangélicos. E, com isso, precisamente, em uma importação dos Estados Unidos da América (mesma fonte, S. 120).

Obs.: pontuação no original, os colchetes, não.